

Hipólito, J. (2011). Auto-organização e complexidade: evolução e desenvolvimento do pensamento rogeriano. Lisboa: Edual. – Um Revisão Crítica

Hipólito, J. (2011). Auto-organização e complexidade: evolução e desenvolvimento do pensamento rogeriano. Lisboa: Edual. – A Critical Revision

Rute Brites¹

PSIQUE – ISSN 1647-2284 - 2011 – N° 7 – pp. 131-134

Recebido em 2-10-2011; aceite em 14-11-2011

Resumo

A recensão crítica do livro “Auto-organização e complexidade: evolução e desenvolvimento do pensamento rogeriano”, inicia-se com uma breve revisão biográfica do autor, João Hipólito, que pretende enquadrar a obra no seu contexto biográfico e profissional. Para além do resumo, que incide sobre as temáticas abordadas ao longo dos capítulos, a autora procurou evidenciar, na recensão, os aspectos essenciais da obra, nomeadamente as principais contribuições de João Hipólito para o desenvolvimento do pensamento rogeriano em Portugal. São referidas, ainda, algumas lacunas de âmbito teórico e da experiência do autor que, apesar de não prejudicarem a leitura integral da obra, deixam um sentimento de “vazio” relativamente a temas específicos como a ludoterapia ou a dinâmica de grupos.

Palavras-chave: Recensão; Rogers; Auto-organização; João Hipólito; Abordagem centrada na Pessoa.

Abstract

The critical review of the book “Self-organization and complexity: the evolution and development of Rogerian thought,” begins with a brief biography of the author, João Hipólito, which attempts to fit the work in his biographical and professional context. In addition to the summary, which focuses the themes addressed throughout the chapters, the author sought to highlight, in her review, the essential aspects of the book, including significant João Hipólito’s contributions to the development of rogerian thought in Portugal. She refers, also, some theoretical and experiential author’s

¹ Docente do Curso de Licenciatura em psicologia da Universidade Autónoma de Lisboa – Portugal - rute_brites@netcabo.pt

gaps. Although it does not affect the reading of the complete work, it leaves a feeling of “emptiness” about specific issues such as play-therapy and group dynamics.

Keywords: Review; Rogers; Self-organization; João Hipólito; Person centered approach.

Esta obra é, em nossa opinião, a consagração “bibliográfica”, se assim lhe podemos chamar, de João Hipólito. Psiquiatra, pedopsiquiatra e psicoterapeuta, é Professor Catedrático na Universidade Autónoma de Lisboa e director do Departamento de Psicologia da mesma instituição.

João Hipólito tem dedicado os últimos 40 anos da sua vida ao estudo e desenvolvimento da Abordagem Centrada na Pessoa, sendo o principal responsável pela existência das formações originais em psicoterapia Centrada no Cliente, em Portugal.

A sua postura académica, profissional e pessoal é congruente com a perspectiva teórica em que se posiciona, mantendo uma posição próxima da ortodoxia rogeriana, afastando-se de perspectivas mais experienciais como o *focusing*. Esta posição pode ser constatada ao longo da leitura da obra, a qual constitui a primeira compilação escrita originalmente em Português sobre a designada “Terceira Força” da Psicologia.

Em nossa opinião o título da obra representa, simultaneamente, o passado, o presente e o futuro da Abordagem Centrada na Pessoa. Aborda o pensamento e a obra de Carl Rogers, pensador e profissional que desenvolveu os pilares da abordagem em causa, mas contém também contributos fundamentais e inovadores, aprofundados pelo autor, acerca da prática psicoterapêutica e das diversas formas que esta pode assumir.

A contextualização histórica da Abordagem Centrada na Pessoa em Portugal, que dá início à obra, permite-nos acompanhar o percurso da História portuguesa da Saúde Mental no Séc. XX revelando, nesse caminho, a inovação de uma abordagem dita humanista e não-médica, holística e compreensiva. Seguidamente a “estrada” alarga-se e num segundo capítulo é-nos apresentada uma breve biografia de C. Rogers, a evolução da sua teorização e o contributo para as Ciências Humanas, que retém uma inegável pertinência e actualidade.

Os capítulos seguintes, dedicados às respostas de compreensão empática (termo que o autor considera mais fiel e demonstrativo da atitude do psicoterapeuta rogeriano que a habitual “reformulação”) e aos limites da Terapia Centrada no Cliente, representam ferramentas de sobeja importância a todos aqueles que procuram desenvolver, interiormente, atitudes relacionais consonantes com a Abordagem Centrada na Pessoa. Podem ainda servir como um “manual” no esclarecimento de dúvidas mais ou menos recorrentes dos neófitos da Abordagem ou dos estudiosos de outras escolas e movimentos psicoterapêuticos.

A prática psicoterapêutica com famílias é também objecto de reflexão, pelo autor, que procura fazer uma “ponte” com a psicoterapia de grupo, salvo as devidas especificidades. Sendo João Hipólito um dos psicoterapeutas portugueses mais conhecedores e experientes na terapia centrada na família, este capítulo prima pelo auxílio na compreensão desta forma singular de psicoterapia face às congéneres, pertencentes a paradigmas distintos.

Similarmente, os capítulos dedicados ao relaxamento e ao psicodrama na perspectiva da Terapia Centrada na Pessoa representam dois dos *apports* mais expressivos e inovadores de João Hipólito no âmbito da prática psicoterapêutica. Partindo das contribuições clássicas de Sapir e Ajuriaguerra, no caso do relaxamento, e de Moreno, Lemoine ou Diatkine, relativamente ao psicodrama, Hipólito apresenta um *savoir faire* imbuído duma atitude plenamente centrada no processo do cliente.

Os dois capítulos seguintes reflectem, em nosso ver, dois dos mais importantes acrescentos de Rogers ao entendimento das relações humanas e seu incremento: a pedagogia centrada no aluno e os grupos de encontro. Rogers propôs uma mudança de paradigma na relação tradicionalmente assimétrica entre professor e aluno, que Hipólito explana e aprofunda, abordando a analogia com as propostas de Paulo Freire sobre a educação-libertação, um novo conceito de ensino não-bancário. A assimetria das relações é depois retomada em capítulo posterior, que foca as questões (mais ou menos) perniciosas das relações de poder e alternativas para as ultrapassar, no sentido do crescimento mútuo.

O capítulo da dinâmica de grupos, pelo contrário, é marcado por um cunho experiencial; carece de uma introdução teórica sobre os grupos de encontro iniciados por Carl Rogers e que perduram até ao presente, podendo dificultar ao leitor a compreensão total do processo descrito mas, numa vertente de descrição e até de um certo *self-disclosure*, João Hipólito esboça um retrato fiel de um processo com grande impacto subjectivo e interpessoal.

O desenvolvimento humano, área de particular interesse do autor, surge primeiramente no capítulo dedicado à toxicodependência. A problemática escolhida, não obstante ser uma das áreas a que João Hipólito se tem dedicado ao longo da sua carreira como psiquiatra e psicoterapeuta, serve o propósito de exemplificar a importância das relações afectivas significativas durante o desenvolvimento para a compreensão das problemáticas que afectam o ser humano. Não pretende ser uma explicação causal da toxicodependência, privilegiando sim um olhar único sobre o indivíduo que sofre, atendendo à complexidade que o define.

Finalmente, o último capítulo da obra pode ser considerado a *pièce de resistance* do legado de João Hipólito para a Abordagem Centrada na Pessoa: uma proposta sobre o desenvolvimento psico-afectivo do ser humano, cujas fundações se alicerçam na teoria da personalidade de Rogers. O autor apresenta um esquema complexo que contém, em detalhe, os marcos do desenvolvimento humano tal como tem sido descrito pelos autores clássicos mas onde introduz, de uma forma congruente com o modelo teórico de base, as implicações da ocorrência de eventuais traumatismos para o desenvolvimento de psicopatologia, na criança e/ ou no adulto.

Esta obra, “Auto-organização e complexidade: evolução e desenvolvimento do pensamento rogeriano”, contém na sua essência, a teorização de Carl Rogers, indo bastante mais além no que concerne as aplicações práticas das atitudes nodais da Terapia Centrada no Cliente como a congruência, a compreensão empática ou o olhar incondicional positivo.

Ao chegar ao fim da leitura da obra restará, contudo, um sentimento de vazio, especialmente naqueles que se dedicam à intervenção com crianças. Sendo o autor pedopsiquiatra e psicoterapeuta de crianças esperar-se-ia um capítulo sobre ludoterapia centrada na criança, baseado na sua experiência profissional de longos anos, nomeadamente ao nível no desenvolvimento do psicodrama com crianças e na ludoterapia de grupo, áreas onde a actuação do técnico se cobre de uma enorme complexidade e onde a prática e a supervisão constituem ferramentas essenciais de aperfeiçoamento.

É, mesmo assim, com certo alívio que assistimos à publicação deste livro. O autor não aprecia, como desejaríamos, os prazeres da escrita; a delonga da edição poderia colocar em risco a transmissão de um conhecimento e de um saber adquiridos ao longo de uma vida de estudo e de trabalho como tem sido a de João Hipólito. E apesar de alguns leitores poderem reconhecer partes da obra, já publicadas em periódicos ou apresentadas em aulas ou conferências, a sua leitura integral permite uma imersão no que Portugal e mais especificamente, João Hipólito, “ofereceram” à Abordagem Centrada na Pessoa.

Referências

Hipólito, J. (2011). *Auto-organização e complexidade: evolução e desenvolvimento do pensamento rogeriano*. Lisboa: Edial.